

Da lama ao caos, do caos à lama¹

Em busca de um quintal para pensar a transmissão psicanalítica

Juliana Lang Lima,² Porto Alegre

Resumo: A autora propõe uma reflexão sobre os desafios contemporâneos da transmissão da psicanálise, buscando uma articulação entre tradição e inovação. Partindo da herança freudiana, e levando em consideração o contexto brasileiro, destaca a ideia de que cada época produz suas próprias subjetividades e que a psicanálise, enquanto prática e teoria, passa por constantes reinvenções. O contexto atual em que se desenvolve a transmissão é marcado por transformações tecnológicas, mudanças nas relações sociais e debates sobre gênero, raça e classe. Tais questionamentos sugerem, em alguns casos, uma revisão das teorias mais clássicas. Assim, a complexa tarefa daqueles que se ocupam em passar o legado psicanalítico para as novas gerações consiste em dialogar com os desafios do presente, sem perder o vínculo com seus fundamentos.

Palavras-chave: formação psicanalítica, tradição, inovação, tecnologia

*Giras em vão em torno do científico
Só se aprende o que se pode aprender*

GOETHE

É uma característica de cada época produzir subjetividades próprias, de acordo com os códigos vigentes em seu tempo. Assim como outras disciplinas no campo das humanidades, a psicanálise se propõe a oferecer instrumentos capazes de auxiliar na compreensão das manifestações de sofrimento na contemporaneidade, observando as tonalidades específicas do momento histórico em que se situa. Se na clínica o olhar do analista é aguçado para o que há de singular na trajetória daqueles que buscam escuta, isso não é realizado sem realçar o contexto de uma história mais abrangente, da dimensão coletiva, do simbólico, da tradição.

1 Texto vencedor do Prêmio Fábio Leite Lobo, para membros efetivos, conferido durante o 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado de 22 a 25 de outubro de 2025.

2 Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

Quando Freud começou a desenvolver sua ciência, enfrentou desafios oriundos de uma sociedade repressora, que tratava as questões da sexualidade com pudor e hipocrisia. Nos tempos atuais, não mais ousamos apontar apenas o recato como causa principal das afecções psíquicas, tendo em vista que o campo de atuação da psicanálise também se ampliou, desbravando terrenos não neuróticos e configurações diversas. Para nos situar mais especificamente quanto à prática clínica realizada no território brasileiro, precisamos falar também sobre dinâmicas de raça, gênero e classe, para dizer o mínimo.

Nesse sentido, as bases do pensamento psicanalítico passam a ser questionadas e tensionadas por aqueles que sugerem uma revisão da teoria, com o objetivo de atualizá-la. Com efeito, é preciso concordar que haverá sempre algo de anacrônico em um texto escrito mais de 100 anos atrás. Contudo, não é incomum, ao estudar a obra de Freud, nos depararmos com formulações que nos surpreendem ainda hoje, dada a sua atualidade. Nesse interjogo, composto por uma mescla nem sempre proporcional entre inovação e tradição, surge a proposta de pensar sobre os rumos da transmissão em psicanálise, considerando os atravessamentos dos respingos da tecnologia e as peculiaridades do panorama brasileiro.

O mundo mudou pode ser considerada a formulação-síntese de um dos discursos que vêm circulando com frequência no meio psicanalítico. O impacto das descobertas científicas, o avanço da tecnologia e as transformações na maneira como as pessoas se relacionam são modificações facilmente constatáveis e impossíveis de serem ignoradas. A partir daí, duas direções se anunciam com bastante frequência, embaladas por um pensamento polarizado que vem se consolidando com força, na última década, em nosso país: um caminho que leva a pensar no fim da psicanálise tal como a conhecemos, e outro que celebra as revoluções e a possibilidade de esboçar linhas de atuação futuras.

Adianto que este artigo não tomará nenhuma das duas posições como aquela capaz de garantir o futuro de nossa ciência. Ao longo das páginas a seguir, pretendo me debruçar sobre ambos os cenários, o desastroso e o alvissareiro, tendo como foco a transmissão e seus desdobramentos. Como companheiros de viagem, pensadores antigos e contemporâneos, brasileiros e estrangeiros, representantes da diversidade que é uma boa companheira do ofício analítico.

Da lama ao caos: ecos de brasilidade

Em 1994, a banda pernambucana Nação Zumbi lançou o álbum *Da lama ao caos*, que revelou um estilo revolucionário, composto por canções energéticas, com letras elaboradas e recheadas de denúncias, além de

melodias que mesclavam estilos diversos. Logo alçado à categoria de clássico, o disco inaugurou a cena *manguebeat* no Brasil e foi um dos responsáveis por abrir portas para o rock dos anos 90, exercendo forte influência no que surgiria depois.

Na arte, como na vida, as construções que surgem são precedidas por um movimento anterior, que impulsiona o que virá. Não há como desconectar o presente do passado, e tampouco do futuro, pois é nesse museu de grandes novidades, nesse cruzamento de fronteiras temporais e ideológicas, que uma manifestação se inscreve como algo de valor. Resgatar um disco lançado por uma banda nordestina – e, portanto, periférica em relação ao centro cultural e econômico do país – como forma de intitular este trabalho fala das trilhas pelas quais ele vai nos conduzir.

Mas há ainda mais um ponto embutido na nomeação deste artigo. Explico: mencionar significantes como *lama* e *caos* tem o intuito de propor um desvio de uma postura asséptica e transportar para o que há de sujo, sombrio e bagunçado na condição humana. Com isso, podemos tangenciar o tema da análise pessoal, sendo o divã o espaço mais propício para o aparecimento dos resíduos de cada um, mas também as próprias particularidades da transmissão, nem sempre isenta de detritos.

Nesse amálgama curioso, façamos uso das palavras de Radmila Zygouris (2006) acerca das instituições psicanalíticas e do futuro da psicanálise: ao lembrar que não vivemos na mesma sociedade de Freud, e que por isso somos obrigados, de certa forma, a abandonar Viena, ela sugere que não devemos buscar abrigo em Roma – uma alusão ao célebre “discurso de Roma”, proferido por Jacques Lacan (1953/1998).

Tal proposta referenda a importância de uma psicanálise que possa ser praticada na língua materna, com sotaque próprio, e não importado. Em uma terminologia bastante atualizada, poderíamos aludir ao movimento decolonial, que busca oferecer novas referências, usualmente menos conhecidas e estudadas, para a composição de uma espécie de mosaico que venha a enriquecer a cultura psicanalítica.

Ocupar-se da psicanálise nos dias atuais é, portanto, uma tarefa que requer construções plurais, que apontem para os furos e rupturas dos discursos predominantes, tolerando e incentivando proposições fragmentárias e não lineares. Nesse ponto, lembramos o assinalamento de Marcelo Viñar (2000/2014) de que o ofício do psicanalista é cada vez mais atravessado pelo tempo, pela história de seu país e de sua região de pertinência, de modo que cada indivíduo que resume um pouco de sua vivência traz também uma partícula de testemunho de sua geração.

Por uma linha semelhante, Jô Gondar (2024) reforça que as formas de viver, morrer, amar e sofrer não são naturais nem universais – assim, as teorias

tampouco o seriam. Ao destacar alguns momentos ruidosos na obra freudiana, propõe a cada analista a possibilidade de escolher entre concentrar-se nos conceitos datados ou celebrar o gesto criador que, de algum modo, transcendeu as fronteiras de sua época.

De fato, os grandes analistas de todos os tempos foram aqueles sujeitos que, seguindo a recomendação feita a Freud por seu mestre Charcot,³ se detiveram com paciência, desvelo e curiosidade no estudo da alma humana, suportando contradições e ofertando ao futuro a possibilidade de esclarecimentos. Atualizando esse movimento, Viñar (2000/2014) marca a psicanálise como um pensamento sempre em trânsito, inspirado nos antigos navegadores e exploradores para quem o caminho importava mais do que a morada.

Podemos então chegar a uma espécie de consenso e creditar ao impulso para certa perplexidade um passo decisivo na trajetória de um analista. Ser capaz de escutar para além das próprias convicções e abrigar em si a disposição para o assombro diante daquilo que não se conhece, como propõe Leopold Nosek (2017), são ponto nodais de uma postura ética frente ao estrangeiro que o outro encarna diante de nós.

O tema da alteridade, efetivamente, atravessa a psicanálise em todas as suas vertentes, seja no que toca à clínica, ao laço social ou aos movimentos institucionais. Se a psicanálise pode ser pensada como um país com grande extensão territorial, rico em fronteiras, diversos serão os sotaques que circularão por esses pagos. Nesse sentido, é digno de alerta que exista uma inquietante tendência dos psicanalistas de se unirem massivamente a escolas, sobrepondo um saber a outro, em um perigoso jogo de valores que pode chegar a aspirações de uma psicanálise pretensamente pura ou verdadeira (Birman, 2002/2014; Mattuella, 2022; McDougall, 1997/2014; Viñar, 2000/2014).

Seguindo por essa linha, Zygoris (2006) reforça a defesa de uma psicanálise leiga e laica, denunciando o que chama de *banho religioso*, proporcionado por uma postura de devoção aos *textos sagrados*. Em última instância, falamos aqui de uma dogmatização que acaba por aniquilar a inventividade dos analistas e, como veremos adiante, dos postulantes à formação.

Em um documento com tonalidades de manifesto, Otto Kernberg (1996/2010) segue por um caminho semelhante, empregando refinada ironia para propor 30 maneiras de destruir a criatividade dos candidatos nos institutos de psicanálise. Em que pese o fato de esse texto ter sido escrito na iminência de Kernberg assumir a presidência da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), temos ali um artigo com validade universal, uma vez que explicita como as engrenagens da política institucional interferem de maneira direta

3 No obituário de Charcot, Freud assinala duas de suas frases marcantes: “Seria preciso voltar aqui e aqui permanecer” e “A teoria é boa, mas isso não impede que as coisas existam” (1893/1996c, pp. 21-23).

no percurso dos colegas em formação. A crítica de Kernberg assinala como a instituição pode contribuir para um ensino pouco arejado e engessado, de forma a tornar os processos morosos e desestimulantes, por meio de reforço excessivo a rituais. Segundo o autor, decorre disso uma postura coletiva de infantilização dos membros em formação, que, inibidos em sua atividade contestatória, acabam fomentando uma postura submissa e, conseqüentemente, garantindo a manutenção do poder entre os mesmos.

Mas se houve momentos em que vivemos o terror da ameaça de doutrinação, parece que hoje os tempos são outros. É verdade que a psicanálise sempre foi objeto de ataques, sendo sua morte anunciada de tempos em tempos. Todavia, o que antes era tomado como provocações vindas de fora, na atualidade parece vir também de dentro – não apenas os adversários refutam a obra freudiana, mas também diversos psicanalistas buscam se desvincular dessa *herança maldita*, como ressalta Iannini (2024).

Com efeito, é notável o crescente questionamento das novas gerações diante de conceitos como pulsão, complexo de Édipo e inconsciente, bem como a abertura a formas diversas de compreender a prática da psicanálise, como os atendimentos online, com frequência semanal ou até mesmo quinzenal. Também é comum a solicitação de que seja incluída no arcabouço teórico a dimensão política e social dos sujeitos que buscam escuta, em uma lógica reducionista que propõe que falar de gênero, raça, sexualidade e classe social estaria em oposição à psicanálise como a conhecemos – e como se essa fosse a nova e atual psicanálise, livre dos equívocos do passado.

Do caos à lama: sujar ou honrar os clássicos?

Já se tornou consenso afirmar que a introdução da tecnologia em nossa vida tem sido tão estimulante quanto desafiadora, produzindo amplos debates sobre sua influência. No que se refere à transmissão da psicanálise, há um confronto com muitas questões que até pouco tempo atrás nem eram cogitadas: de propostas de estudo teórico via plataformas digitais, como Instagram e podcasts, à ampla aceitação dos atendimentos na modalidade remota e à possibilidade de formações híbridas ou mesmo totalmente online. Nessa conjuntura, são inúmeras as complexidades que tensionam aqueles que ocupam esse lugar.

Para introduzir algumas das dificuldades enfrentadas, compartilho uma percepção inicial: é incontestável a redução no número de pessoas que preparam os textos antes dos seminários, trazendo notas e fazendo perguntas previamente elaboradas. Essa observação não tem o intuito de endossar um discurso nostálgico de que *no meu tempo é que era bom*, mas aponta para um formato

de funcionamento grupal, ou mesmo para uma nova posição subjetiva diante de tantos excessos de informação, e vai ao encontro de estudos que mensuram os impactos do uso da tecnologia em nossa vida (Fisher, 2022; Haidt, 2024).

De forma empírica, também é possível constatar que o uso de dispositivos móveis conectados à internet colabora para a criação e manutenção de sujeitos cada vez mais dispersos e com menos capacidade de concentração. De fato, esse é um tópico que merece destaque, chegando também aos consultórios como uma queixa bastante frequente, seja sob a forma de diagnóstico (o TDAH como o maior estandarte), de manifestações mais difusas, como insônia, ansiedade, desânimo, letargia e procrastinação, ou mesmo de um sofrimento mais exacerbado e diretamente direcionado ao uso do celular, como a dependência de telas, o vício em jogos digitais e os excessos no consumo de pornografia.

Para ampliar o enfoque, podemos fazer uma pequena viagem ao passado e aterrissar nos anos 1970, quando o psicólogo e economista Herbert Simon cunhou a expressão *economia da atenção*. A partir desse conceito, o vencedor do Prêmio Nobel buscava sintetizar a ideia da atenção humana como um recurso limitado e, portanto, um bem escasso e cobiçado. Com isso, não tardou a perceber que a atenção poderia ser capitalizada como uma mercadoria – fato que vem sendo muito bem instrumentalizado pelas plataformas digitais, que trabalham para atrair os consumidores de conteúdo por longos períodos de tempo.

Entretanto, o problema de como lidar com a atenção extrapola a maneira como cada sujeito se comporta em face da tecnologia. A atenção é um bem valioso, que perpassa todas as esferas de nossa vida. Dedicar-se a qualquer coisa que seja significa empreender investimento libidinal, e com isso retomamos a questão do estudo teórico, um dos pilares da formação de um analista, trazendo um questionamento acerca das funções de transmissão diante das provocações contemporâneas. Como compreender o estímulo a um hábito que requer recolhimento, capacidade reflexiva, possibilidade de deixar o texto ser hospedado dentro de si? Para além da já conhecida responsabilidade do coordenador de suscitar o desejo pelo conhecimento, é possível pensar sobre quais caminhos podem ser tomados nesse momento da transmissão, quando uma luta entre desejo e resistência parece se armar.

Vejamos se uma cena nos ajuda a ilustrar algumas das complexidades da função. Um psicanalista chega para o seminário que ministra em sua instituição e encontra os membros em formação bastante excitados, reunidos em volta de uma colega que estava com o celular na mão. Pacientemente, o coordenador aguarda alguns minutos até que todos tomem seus assentos, mas a turma parece mais agitada do que o comum, ao que ele reage perguntando se gostariam de compartilhar o motivo de tamanho burburinho. Uma colega comenta superficialmente sobre um vídeo de uma cantora famosa

que havia sido traída pelo marido – assunto que, a princípio, não tem relação com o tema do seminário. Nos minutos seguintes, a turma permanece em funcionamento disperso, com muitos dos colegas acessando o celular. Alguns o fazem de maneira que consideram discreta, por debaixo da mesa; outros, menos inibidos, rolam o dedo no *feed* de notícias sem julgar que poderiam causar incômodo.

Embora esse episódio tenha tonalidades quase pueris, não se trata de uma cena ficcional. O uso de dispositivos móveis, somado a uma redução importante no senso de hierarquia entre os membros menos e mais experientes, tem horizontalizado cada vez mais as relações, produzindo tensionamentos próprios deste tempo. Nesse ponto, é fundamental frisar que não desejamos apontar para artifícios como a noção de falência da função paterna, que demonstraria um saudosismo ressentido de um tempo que não voltará. Talvez seja o caso de assumir que as relações entre gerações são sempre virtualmente tortuosas, inerentemente complexas, por conta dos componentes edípicos e, portanto, pelas diferenças múltiplas que as constituem.

O choque entre o velho e o novo foi observado por Freud em diversos momentos de sua obra, mas aqui destacamos um texto no qual enfatiza a natureza pedagógica dos encontros entre jovens analistas e membros mais experientes das sociedades e círculos, em uma transmissão que acontece como em uma via de mão dupla (Freud, 1919/1996f). Enquanto aos mais velhos cabe a função de apresentar os fundamentos e zelar pelos costumes, os mais jovens contribuem com seu frescor, de forma a não consolidar práticas antigas apenas em nome da tradição.

É fato que o mundo vem mudando com força avassaladora, e isso pressiona alguns pressupostos teóricos, que solicitam ser vistos com mais nuances do que outrora, deslocando-os da noção de universalidade, observando-se de maneira mais acurada o contexto em que se desenvolvem tanto a prática clínica quanto a transmissão da psicanálise. Algumas questões iniciais já se colocam, portanto, com relação ao programa de estudos de uma formação analítica. Nesse ponto, Freud (1919/1996f, 1926/2017b) é bastante incisivo na defesa da inclusão de disciplinas como história da literatura, mitologia, arte, religião, filosofia e história das civilizações, o que parece indicar uma abertura a outros campos do conhecimento, além de ressaltar que a psicanálise, sozinha, não se basta.

Em uma metáfora para dar conta da importância das construções freudianas para a psicanálise contemporânea, Mezan (2019) utiliza a ideia de Freud como o solo e a matriz para os desenvolvimentos posteriores, que inevitavelmente bebem da mesma fonte. É indiscutível que as diferentes linhas teóricas utilizam modelos bastante diversos, mas Freud e sua obra têm a garantia da inscrição como um marco inaugural.

Para além da confirmação da importância de Freud, também é preciso reconhecer sua genialidade, como observa Edward Said (2001/2004). Segundo o intelectual palestino, “ninguém que tenha lido e sido influenciado pelo extraordinário trabalho de Freud deixou de se impressionar com sua notável erudição” (p. 45). Isso, todavia, não retira as especificidades da leitura de Freud nos dias atuais. Entre os pontos levantados, Said situa o leitor quanto à temerária associação entre primitivismo e culturas não europeias, decorrente da visão eurocêntrica de Freud – que, como bem registra o autor, tem relação com um mundo ainda não tocado pela globalização nem por movimentos decoloniais.

É possível que algumas das construções compartilhadas aqui pareçam demasiado evidentes, mas o tom de ponderação que optamos por adotar ao longo deste escrito reflete suas pretensões. Ao lado do levantamento das resistências envolvendo o estudo da obra de Freud e a própria psicanálise, conjugasse o desejo de apontar algumas saídas, ainda que incipientes. Nessa perspectiva, apresentamos outra vinheta, como um convite a adentrar os meandros do encontro com a teoria.

Em um seminário de formação psicanalítica que se dedica ao estudo da histeria, o programa é composto pelos casos clínicos de Freud. O grupo é formado exclusivamente por mulheres e, tão logo se inicia o estudo do caso Dora, há uma referência quase unânime de intenso mal-estar, dando origem a um movimento de evitação do material e, por fim, oposição ao texto. Entre os argumentos, destacam-se as críticas ao abandono da teoria da sedução, e surgem expressões que apontam para a suposta surdez de Freud ao escutar Dora, fruto de sua posição de homem branco, europeu e heterossexual.

Retomando os momentos iniciais das formulações freudianas, podemos vislumbrar a primeira grande virada teórica, cujo marco é a Carta 69 (1897/1996a), quando Freud propõe uma inversão na teoria da sedução, anunciada pela célebre comunicação “Não acredito mais em minha neurótica”. Esse é o momento da descoberta da noção de fantasia, quando Freud dá um salto da experiência real em direção aos processos inconscientes. Tal formulação parte da clínica, que sofre de debandadas e ausência de êxitos, fazendo Freud trabalhar. Ao perceber que nem todos os pais de mulheres que ficavam enfermas eram abusadores, o psicanalista compreende que a origem da histeria não necessariamente seria traumática, da sedução por um adulto.

Em uma carta posterior, Freud (1897/1996b) vai além e apresenta a tragédia de Édipo como uma espécie de modelo para a neurose, usando a universalidade daquilo que perpassa a cultura, o discurso de seus analisandos e a própria autoanálise. Justamente nesse ponto, em que se depreende uma aceitação simultânea da fantasia e do trauma, as colegas do seminário supracitado enxergavam tão somente uma refutação do acontecimento traumático e um privilégio do mundo fantasmático. Esse é um paradoxo que vem sendo

exaustivamente retrabalhado por autores e, sobretudo, autoras contemporâneas, mas por ocasião dessa temática, gostaríamos de jogar luz sobre a origem e o destino das resistências que o caso clínico em questão desperta.

Buscamos no próprio Freud esboços de resposta para tais enfrentamentos. Em alguns momentos de sua obra (1917/1996d, 1925[1924]/1996e), ele procura explicar as resistências e até mesmo certa aversão que a psicanálise causa, retirando tais dificuldades do campo intelectual e inserindo-as na esfera afetiva. Para dar suporte a suas construções, menciona os abalos narcísicos causados por Copérnico e Darwin, para enfim apontar a terceira, e mais dolorida, decepção: quando a psicanálise descentra o Eu frente à força dos impulsos inconscientes, afirmando que este não é senhor em sua própria casa. Falamos, então, da crença no inconsciente e em seus desdobramentos como ponto nodal para todo aquele que deseja ser psicanalista.

Todavia, mesmo os conceitos considerados basilares vêm sofrendo amplos questionamentos, e é notável que tais posturas combativas não se originam apenas dos campos externos à psicanálise, mas também dos próprios membros em formação e dos que têm função de transmissão. A crítica ao modelo mais tradicional é saudável, na medida em que força os analistas a atualizarem discursos e práticas, mas por vezes pode soar ríspida, uma vez que desloca o foco da própria busca por saber e o deposita na contestação ao outro.

Outra questão que se levanta é até que ponto é possível diferenciar o debate que visa ao progresso do julgamento vazio, o qual, além de explicitar menor inclinação para o interesse no estudo da teoria, promove uma conseqüente evasão desta. Nesse ponto, corre-se o risco de certa aproximação com um discurso religioso, mas talvez psicanálise tenha mesmo um bocado de fé – na condição humana, na força de ligação, na possibilidade de mudanças psíquicas.

Entretanto, esse otimismo será sempre parcial frente às oposições. É bastante conhecida a ideia da psicanálise como uma das três profissões impossíveis, ao lado dos atos de governar e educar – isso porque estaríamos diante da necessidade de domar as pulsões (Freud, 1937/2017a). No que se refere à transmissão, há um complicador, uma vez que é um ato que conjuga duas dessas três impossibilidades, a partir de uma mescla entre psicanálise e ensino.

Vejamos como essa questão se apresenta em um movimento muito peculiar da atualidade, os grupos de WhatsApp. Esses dispositivos surgem como núcleos virtuais complementares, com o intuito de compartilhar materiais ou reforçar certos combinados. Na prática, é preciso notar que fazem o trabalho se estender para além de seu horário de funcionamento, criando novas demandas ao coordenador/administrador.

Aqui, o cenário no qual a trama se desenvolve é um grupo de seminário clínico que trabalha o material trazido por colegas em formação, seguindo parâmetros éticos previamente acordados em conjunto, como observações

sobre sigilo e respeito ao conteúdo. Em determinado momento, no intervalo entre os encontros, que acontecem com frequência semanal, a colega que havia compartilhado o caso clínico envia uma mensagem para o grupo virtual: “Oi, pessoal! Passando só pra contar que tenho novidades bombásticas sobre o caso que apresentei no último encontro. No próximo seminário, eu conto pra vocês”.

A atitude da colega pode ser compreendida por diversos ângulos, desde a angústia despertada pelo início dos atendimentos até o modelo vigente de relacionamentos, que estabelece uma fronteira muito fluida entre público e privado. Cabe, portanto, ao coordenador a instauração do enquadre também no que concerne ao funcionamento virtual de seu grupo, restaurando práticas de boa convivência e retomando os fundamentos no que se refere a sigilo, discrição e respeito para com o material clínico.

Sabemos que o fenômeno da transferência perpassa todas as relações humanas, em especial aquelas nas quais se apresenta algum tipo de assimetria – o que, em alguma medida, repete os modelos iniciais de uma criança e seus cuidadores. Nesse sentido, a condução de grupos dedicados à transmissão é atravessada por peculiaridades que exigem cuidado e atenção. Sustentar a existência de hierarquias é dar suporte a uma escuta que se distancia da sedução e aposta em contornos firmes para que os fenômenos transferenciais possam se manifestar e agir, sem causar danos ao grupo ou ao sujeito.

Esse é um ideal a ser perseguido, nem sempre fácil ou possível de ser atingido. Como um farol, podemos nos amparar nas sugestões de Italo Calvino (1981/2007), quando convida os leitores a uma viagem pelos clássicos. Em sua defesa apaixonada, define esses livros como aqueles que nunca terminam de dizer o que tinham para dizer. Entre outros argumentos, defende serem obras que se impõem como inesquecíveis, pois, mesmo “quando se ocultam nas dobras da memória, se mimetizam como inconsciente coletivo ou individual” (p. 10). Mas se um clássico é aquele livro atemporal, que conquistou um lugar no patrimônio da humanidade, por que haveria de ser rechaçado?

Calvino dá uma pista quando aponta para a impaciência característica da juventude, aliada, vejam só, à distração (ele escreveu isso mais de 40 anos atrás, muito antes de andarmos todos conectados a um certo aparelho). Ao recomendar a leitura direta dos originais, sustenta que os clássicos não são lidos por dever ou respeito, mas por amor – com exceção daqueles obrigatórios, exigidos na escola.

Seguindo essas pegadas, podemos sugerir que cabe a um instituto de psicanálise seguir apostando na oferta de clássicos como um caminho para compreender quem somos e como chegamos até aqui. E, como os clássicos não dizem nem resolvem tudo, fica a cargo de cada analista promover os ajustes necessários para adequar-se ao tempo presente. E, já que estamos no terreno

Da lama ao caos, do caos à lama

musical, lembramos que cada um de nós, analistas da contemporaneidade, tem a tarefa de não deixar o samba morrer.

Del barro al caos, del caos al barro: en busca de un patio para pensar la transmisión psicoanalítica

Resumen: La autora propone una reflexión sobre los retos contemporáneos de la transmisión del psicoanálisis, buscando una articulación entre tradición e innovación. Partiendo de la herencia freudiana y teniendo en cuenta el contexto brasileño, destaca la idea de que cada época produce sus propias subjetividades y que el psicoanálisis, como práctica y teoría, pasa por constantes reinenciones. El contexto actual en el que se desarrolla la transmisión está marcado por transformaciones tecnológicas, cambios en las relaciones sociales y debates sobre género, raza y clase. Estas cuestiones sugieren, en algunos casos, una revisión de las teorías más clásicas. Así, la compleja tarea de quienes se ocupan de transmitir el legado psicoanalítico a las nuevas generaciones consiste en dialogar con los retos del presente, sin perder el vínculo con sus fundamentos.

Palabras clave: formación psicoanalítica, tradición, innovación, tecnología

From mud to chaos, from chaos to mud: in search of a backyard to think about psychoanalytic transmission

Abstract: The author proposes a reflection on the contemporary challenges of transmitting psychoanalysis, seeking a link between tradition and innovation. Starting from the Freudian heritage, and taking into account the Brazilian context, she highlights the idea that each era produces its own subjectivities and that psychoanalysis, as a practice and theory, undergoes constant reinvention. The current context in which transmission develops is marked by technological transformations, changes in social relations, and debates about gender, race, and class. Such questions suggest, in some cases, a revision of more classical theories. Thus, the complex task of those who are engaged in passing on the psychoanalytic legacy to new generations consists of engaging with the challenges of the present, without losing touch with its foundations.

Keywords: psychoanalytic training, tradition, innovation, technology

De la boue au chaos, du chaos à la boue : à la recherche d'un terrain pour réfléchir à la transmission psychanalytique

Résumé : L'autrice propose une réflexion sur les défis contemporains de la transmission de la psychanalyse, en cherchant à articuler tradition et innovation. Partant de l'héritage freudien et tenant compte du contexte brésilien, elle souligne l'idée que chaque époque produit ses propres subjectivités et que la psychanalyse, en tant que

pratique et théorie, fait l'objet de réinventions constantes. Le contexte actuel dans lequel se développe la transmission est marqué par des transformations technologiques, des changements dans les relations sociales et des débats sur le genre, la race et la classe. Ces questionnements suggèrent, dans certains cas, une révision des théories les plus classiques. Ainsi, la tâche complexe de ceux qui s'occupent de transmettre l'héritage psychanalytique aux nouvelles générations consiste à dialoguer avec les défis du présent, sans perdre le lien avec ses fondements.

Mots-clés : formation psychanalytique, tradition, innovation, technologie

Referências

- Birman, J. (2014). Os jogos de verdade da psicanálise. In M. Selaibe & A. Carvalho (Orgs.), *Psicanálise entrevista* (Vol. 1, pp. 265-295). Estação Liberdade. (Trabalho original publicado em 2002)
- Calvino, I. (2007). *Por que ler os clássicos* (N. Moulin, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1981)
- Fisher, M. (2022). *A máquina do caos* (E. Assis, Trad.). Todavia.
- Freud, S. (1996a). Carta 69. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3, pp. 309-311). Imago. (Trabalho original publicado em 1897)
- Freud, S. (1996b). Carta 71. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3, pp. 314-317). Imago. (Trabalho original publicado em 1897)
- Freud, S. (1996c). Charcot. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3, pp. 19-34). Imago. (Trabalho original publicado em 1893)
- Freud, S. (1996d). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 145-156). Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (1996e). As resistências à psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 237-252). Imago. (Trabalho original publicado em 1925[1924])
- Freud, S. (1996f). Sobre o ensino da psicanálise na universidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 185-192). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2017a). Análise finita e infinita. In S. Freud, *Fundamentos da clínica psicanalítica* (C. Dornbusch, Trad., pp. 315-364). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2017b). A questão da análise leiga: conversas com uma pessoa imparcial. In S. Freud, *Fundamentos da clínica psicanalítica* (C. Dornbusch, Trad., pp. 205-314). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1926)
- Gondar, J. (2024). Psicanálise, cultura, natureza: e daqui por diante? In *A psicanálise do pertencimento* (pp. 59-80). Itipoa.
- Haidt, J. (2024). *A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais* (L. Azevedo, Trad.). Companhia das Letras.
- Iannini, G. (2024). *Freud no século 21* (Vol. 1). Autêntica.

Da lama ao caos, do caos à lama

- Kernberg, O. (2010). Trinta maneiras de destruir a criatividade dos candidatos à psicanálise. *Percurso*, 45, 13-24. <https://tinyurl.com/5n6crrfm> (Trabalho original publicado em 1996)
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 238-324). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)
- Mattuella, L. (2022). *Um itinerário íntimo pela psicanálise lacaniana*. Zouk.
- McDougall, J. (2014). Sexualidade e criatividade. In M. Selaibe & A. Carvalho (Orgs.), *Psicanálise entrevista* (Vol. 1, pp. 125-134). Estação Liberdade. (Trabalho original publicado em 1997)
- Mezan, R. (2019). *O tronco e os ramos*. Blucher.
- Nosek, L. (2017). *A disposição para o assombro*. Perspectiva.
- Said, E. (2004). *Freud e os não europeus* (A. Clemesha, Trad.). Boitempo. (Trabalho original publicado em 2001)
- Viñar, M. (2014). Utopia sem lugar de chegada. In M. Selaibe & A. Carvalho (Orgs.), *Psicanálise entrevista* (Vol. 1, pp. 219-240). Estação Liberdade. (Trabalho original publicado em 2000)
- Zygouris, R. (2006). *Nem todos os caminhos levam a Roma* (C. Koltai, Trad.). Escuta.

Recebido em 27/10/2025, aceito em 3/11/2025

Juliana Lang Lima
julianalanglima@gmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n4.14